



HOME

- > Sobre nós
- > Avaliação
- > Docentes
- > Programa Sócrates
- > Gästebuch

CURSOS

- > Licenciaturas
- > Mestrados
- > Legislação

PUBLICAÇÕES

- > Artigos de Docentes
- > Trabalhos de Alunos

RECURSOS

ARQUIVO

CALENDÁRIO

ACTUAL

PUBLICAÇÕES

> Trabalhos de Alunos de Estudos Alemães

Emanuel Morgado

O conceito de «Perfeição»: Platão, Edmund Burke e Jorge de Sena

[À Maria João Mayer Branco]

Introdução

Este trabalho tem por base a análise de testemunhos de três homens de saber épocas bastante distintas. Comecei por basear-me na obra de Platão, buscando o seu conceito de perfeição. Esta pesquisa poderia ter como ponto de partida, por exemplo, a obra Fédon, ou até um outro diálogo platónico denominado Fedro. Foi, no entanto, em O Banquete que procurei uma outra abordagem relativamente ao tema proposto - em nada contrária ao possível conceito formulado através das obras anteriormente referidas, mas que talvez se aproxime mais de uma dimensão estética, podendo-se assim fazer uma referência simultânea não só à ideia de perfeição, mas também à busca da mesma no amor e, conseqüentemente, no belo.

Por sua vez, Burke, no seu tratado sobre o Belo e o Sublime, refere-se à perfeição enquanto algo que poderá ser constituinte de ambos, não sendo, no entanto, a causa de qualquer um deles. A abordagem de Burke relativamente a este tema não é ponto fulcral desta obra. De qualquer forma, ao teorizar sobre o Belo e o Sublime, e sendo Burke um pré-romântico empirista, leva-nos por caminhos que procuram aproximar a perfeição mais ao Sublime do que ao Belo.

Finalmente, Jorge de Sena, embora também nunca se se referindo directamente ao conceito que serve de tema a este trabalho, transporta-nos para um estado em que a perfeição se atinge através do contemplar de objectos de representação artística numa "crítica da vida" transmitida em forma de dialética.

Platão [1]

Na obra O Banquete, Platão põe-nos perante uma conversa entre um companheiro de Apolodoro e o filósofo. Apolodoro ouvira anteriormente a Aristodemo uma narrativa em que relatava um convívio no qual este último estivera presente e que decorrera em casa de Ágaton por ocasião das celebrações de vitória da tragédia deste e sua consequente "coroação". Propondo--se satisfazer a curiosidade do companheiro de Aristodemo relativamente ao convívio, relata-lhe o que o próprio Aristodemo dissera ter visto e ouvido. Entre outros tinham participado nesse festim Ágaton, Sócrates, Alcibiades e ainda Aristófanes.

Durante o convívio é proposto por Erixímico, em nome de Fedro, a execução de elogios ao Amor. Aceite por todos torna-se este o tema central do festim.

Proferido em seguida ao de Erixímico, o discurso de Aristófanes faz-nos penetrar numa atmosfera de sonho e de idealidade onde a dynamis, "poder", do amor se liberta de todas as suas implicações sociais ou cosmológicas, para encontrar na physis a sua origem remota e verdadeira. Exprime-se assim a definição de amor como «saudade de um antigo estado», símbolo de perfeição, que os seres actuais, reduzidos a metades, em vão tentam recuperar.

Aristófanes começa o seu discurso dando «a conhecer a natureza humana e as suas mutações. Pois a nossa antiga natureza não era tal como a de hoje e sim diversa.», apresentando-nos desta forma o mito do Andrógino, símbolo de perfeição.

Este ser, um dos três géneros da espécie humana, «partilhava das características de ambos (...) macho e fêmea» e encontra-se agora desaparecido. O Andrógino era dotado de uma forma «inteira e globular», com membros e órgãos duplicados em relação a homens e mulheres. Os seres constituintes deste género caminhavam erectos e, se fosse esse o seu desejo, em dois sentidos. Caso quisessem correr a toda a brida «apoiados nos seus membros, que eram então oito, (poderiam fazê-lo) velozmente em círculo».

Também em relação à sua origem o Andrógino apresenta-se como ser perfeito, visto que «o macho foi inicialmente um rebento do Sol; a fêmea da Terra; e da Lua, a espécie que reunia as características dos outros dois, dado que também a Lua partilha da natureza do Sol e da Terra.»

Dotados ainda «de uma terrível força e resistência e, além disso, de uma imensa ambição (...) começaram a conspirar contra os deuses.». A solução encontrada por Zeus foi a de dividi-los ao meio, retirando-lhes a sua antiga forma perfeita, o que levou a que «cada metade, com saudades da sua própria metade (não mais aspirasse) do que a fundir-se num só ser!»

Aristófanes afirma então que «Dessa época longínqua data, sem dúvida alguma, a implantação do amor entre os homens – o amor que restabelece o nosso estado original (perfeito) e procura fazer de dois um só, curando assim a natureza humana.»

Aos amantes que encontram a metade da qual tinham sido separados é dada esperança através de uma especulação. O autor do elogio afirma que, por exemplo, Hefesto, ao observá-los tão unidos seria capaz de

«fundi-los e soldá-los numa só peça, de tal modo que passassem a ser um só.», solucionando desta forma o anseio provocado pela nossa antiga natureza constituída por um todo. Apresenta-se assim a “veneração” dos deuses como auxílio em busca da forma una e perfeita anteriormente tida.

Terminado o elogio de Aristófanos encontramos-nos, perante o lembrar do discurso de Sócrates, que é, já por si, recordação de um diálogo protagonizado por este e Diótima.

Com este discurso Platão faz a ponte entre o ser humano e o amor, enquanto desejo de algo ausente que, à partida, não permite completar o ser: «(...) ao falarmos do amor, não deixaste de concordar que era a privação do Bem e do Belo que o faziam desejar essas mesmas qualidades que lhe faltavam...»

O Amor, enquanto operador de junção do que está separado, é «Um génio poderoso (...) intermediário entre o humano e o divino.» cujas atribuições são «As de um intérprete e mensageiro dos homens junto dos deuses e dos deuses junto dos homens (preenchendo) por inteiro o espaço entre uns e outros, permitindo que o Todo se encontre unido consigo mesmo.»

Filho da Pobreza e do Engenho, concebido nas festas em honra do nascimento de Afrodite «é, por natureza um apaixonado do Belo, pois que Afrodite é Bela». Tendo sido «Condenado a uma perpétua indigência (...) passa a vida inteira a filosofar». Dai que, «se o Amor é o amor do Belo, (pois que do lado do Engenho herdou “o mesmo espírito ardiloso em procura do que é belo e bom”) forçosamente terá de ser filósofo» aquele que é «o amante». No final da argumentação conclui-se que, «em resumo: o amor é o desejo de possuir o Bem para sempre.» e que o «alvo do Amor não é de facto o Belo, (mas) Gerar e criar no Belo!».

Ao homem que contempla «o Belo pelos meios que o tornam visível, será dado gerar, não já imagens de virtude (pois não é já a imagens que se apegam), mas a virtude verdadeira,» o que faz com que, caso haja alguém de entre os homens que possa tornar-se imortal, esse alguém seja precisamente ele.

Há ainda uma outra obra onde é observável esta ligação entre Amor e Belo, enquanto forma de uma dialéctica ascendente que se inicia no mundo sensível e termina no inteligível. Essa obra é o diálogo Fedro, devendo-se, para tal, observar o segundo discurso de Sócrates sobre o amor, realizado perante Fedro.

De referir que esta teoria parte de pressupostos já referidos num outro diálogo platónico, o Fédon. Nesta outra obra Platão demonstra a origem divina e imortal da alma que, através da sua queda, se juntou ao corpo, abandonando assim o mundo inteligível, das Ideias.

No segundo discurso de Sócrates a Fedro começa por afirmar-se que, «na realidade os maiores bens vêm-nos por intermédio da loucura», sendo que o quarto tipo é aquele «pelo qual o homem, quando vê a beleza e se recorda da verdadeira beleza, é provido de asas e, munido delas, arde no desejo de voar», sendo por isso esta a «melhor de todas as possessões divinas e a de melhor origem, tanto para quem a possui como para quem dela partilha; e o participante de semelhante loucura, quando se enamora dos jovens belos, recebe a designação de amante.».

A teoria do amor de Sócrates parte então do processo da “reminiscência”, enquanto forma de recordar o mundo das Ideias perfeitas unas e imutáveis (tal como são descritas no Fédon), com o qual já tivéramos tido contacto anteriormente.

Ao ver algo que a recorde da sua antiga proximidade com as Ideias, a alma sofre uma «ebulição e sente irritação e prurido com o nascimento das asas.» que lhe permitem ascender e vir a tomar parte nos “cortejos dos deuses”, contemplando desta forma as Ideias.

«Ora, da justiça, da sabedoria e de tantas outras virtudes preciosas à alma não se encontra esplendor algum nas imagens da terra; (...) A beleza, porém, era tão visível no seu esplendor, quando, como um coro feliz (...) gozávamos de uma visão e um de espectáculo beatíficos e éramos iniciados nos mistérios que com justiça devemos considerar os mais santos.»

O homem, dotado das sensações enquanto meio de reminiscência, (das quais a visão é «a mais aguda»), não consegue ver o pensamento, pelo que «só a beleza obteve essa sorte, a ponto de ser a mais evidente e a mais digna de ser amada».

O jovem belo, objecto de contemplação do nosso amor, torna-se, assim, naquilo que faz despertar em nós a reminiscência de um outro mundo repleto de perfeição, o das Ideias.

Edmund Burke [2]

Em A Philosophical Inquiry Into The Origin Of Our Ideas Of The Sublime And Beautiful With Several Other Additions, Burke não disserta directamente sobre a perfeição, definindo de forma rígida a sua natureza. Há, no entanto, uma aproximação feita entre esta e o Sublime, uma das principais paixões da vida humana.

Nesta obra o autor propõe-se reflectir sobre o conceito de Gosto [Taste] e quais os seus componentes, distinguindo Belo e Sublime enquanto formas de observação e modos de sentir a realidade estética.

Para Burke, o poder de que o Sublime é dotado torna-o numa pulsão mais forte e essencial ao ser humano do que o Belo. O Homem, dotado de instintos de auto-preservação e de sobrevivência, é guiado por estes durante toda a sua vida, obedecendo-lhes sempre.

A observação de factos que ponham em causa essa sobrevivência e demonstrem a fragilidade de um ser (que sobre ela reflecte) é algo que o incomoda, pelo que, perante uma tragédia alheia, o homem tem necessidade de a sentir como se fosse sua, naquela que é uma forma de sentir extasiada e perfeita, repleta de «delight».

Choose a day on which to represent the most sublime and affecting tragedy we have; appoint the most favourite actors; spare no cost upon the scenes and decorations, unite the greatest efforts of poetry, painting, and music; and when you have collected your audience, just at the moment when their minds are erect with expectation, let it be reported that a state criminal of high rank is on the point of being executed in the adjoining square; in a moment the emptiness of the theatre would demonstrate the comparative weakness of the imitative arts, and proclaim the triumph of the real sympathy.

Através deste exemplo Burke demonstra a «sympathy» que atravessa o Homem ao observar a perfeição contida na tragédia e que é transmitida pelo «ruling principle of the sublime», ou seja, o terror.

O autor da obra não rejeita, de qualquer forma, a existência da perfeição no Belo, embora não a considere como causa do mesmo – Perfection Not The Cause Of Beauty. Observe-se, por exemplo, o sexo feminino, visto que é nele que a beleza encontra maior significado e perfeição. A comunhão da beleza com o todo do ser feminino é realçada por uma ideia de «weakness and imperfection». Por outro lado « (...) modesty in general, which is a tacit allowance of imperfection, is itself considered as an amiable quality, and certainly heightens every other that is so.»

A necessidade que as pessoas sentem de tornar a perfeição objecto alvo de amor é também, no entender do autor, «sufficient proof, that it is not the proper object of love».

Jorge de Sena [3]

Na sua colectânea de poemas Metamorfoses Jorge de Sena parte da observação de diferentes expressões de arte plástica para, após sobre elas reflectir, dissertar de forma racional, sentida e emocional sobre as mesmas. Aquela que começa por ser uma forma de olhar determinadas obras de arte torna-se numa profunda meditação sobre as mesmas em que estas, através de uma “metamorfose”, acabam por ganhar vida própria.

Em Metamorfoses a observação do objecto estético desempenha um papel preponderante pois é a partir do gozo suscitado por este (mesmo que para o autor não seja um expoente artístico, a mais bela peça de arte dentro do seu género) que se inicia uma dialéctica ascendente de ordem cultural - libertadora e didáctica - de alguém que consegue «sentir em tudo (...) uma humanidade viva, gente viva, pessoas, sobretudo pessoas.» que permitem recordar «a comovente historicidade da natureza humana». A existência de qualquer olhar de crítica técnica é, por esta razão, posta de parte.

A poesia de Sena caracteriza-se, assim, por uma grande componente didáctico-moral, posto que «pretende ser, ela mesma, o lá onde se transforma o mundo (...) e, portanto, a quem lê ou ouve, ensina algo de novo». A função didáctica da poesia está, naturalmente aqui, ligada a uma função moral: «Porque estes poemas são, através de objectos desses, e num sentido mais lato (porque dialéctico) que o de Matthew Arnold, “crítica da vida”.». A dimensão moral da poesia, segundo Jorge de Sena, não deve ser num sentido normativo, «mas indubitavelmente (...) num sentido escatológico, de inquirição aflita sobre as origens e os fins últimos do Homem.» naquilo que é a busca da sua própria essência. Tendencialmente utópico, enquanto criador de princípios humanistas que permitam o desenvolvimento sócio-cultural [4], Sena procura moralizar a sociedade em busca de algo que acredita ser perfeito – visto que a perfeição é postulado de toda a obra utópica. Refira-se ainda que, para o autor, «toda a poesia (...) é uma meditação moral.».

É por estas mesmas razões que a analogia entre Sena e, por exemplo, Walter Pater (que conseguiu uma das mais perfeitas uniões entre duas formas de arte - pintura e literatura), perde toda a razão de ser porque, como já anteriormente referido, estes poemas não são crítica de arte, mas «crítica de vida».

Conclusão

Após as reflexões efectuadas relativamente a estes três autores de épocas tão diferentes entre si podemos concluir que, tendo em conta a Perfeição, Burke se afasta do filósofo clássico, enquanto que Jorge de Sena, de forma consciente ou não, acaba por se aproximar do grego.

Platão começa por olhar para o objecto estético belo e desejado (o próprio Homem) para, através dele, criar uma dialéctica ascendente que culmina com o contemplar da Ideia, perfeita em si mesma. O desejo de que o Homem é alvo nasce da procura do ser perfeito e completo que fomos outrora e do qual nos resta, apenas, uma vontade de união.

Burke acredita que a perfeição é visível enquanto acompanhante do instinto de sobrevivência de que o Homem é dotado. Perante uma situação de terror o ser humano sente realmente, naquela que é a sua mais extática, sublime e perfeita forma de sentir, manifestar-se o seu instinto de auto-protecção. Burke não se opõe à possibilidade de que a perfeição habite o Belo, rejeitando antes que isso de que possa ser a sua causa.

Por sua vez, em Metamorfoses, o português segue, no que respeita à perfeição, o modelo platónico. Jorge de Sena começa por observar um objecto estético (neste caso dentro do domínio das artes plásticas) para, através dele, iniciar uma dialéctica ascendente de cariz humanista, marcada pela utopia. A perfeição surge como componente do culminar desse percurso.

Emanuel Morgado
17 de Janeiro de 2003

[Trabalho apresentado em Teoria da Literatura I – Est. Portugueses e Alemães - Junho de 2002]

NOTAS:

[1] Platão: 428 a.C.: Nasce em Atenas, filho de Ariston e de Perictione. Provém de uma família aristocrática e o seu nome é Aristócles, tal como o seu avô. Desde cedo lhe chamam Platão, palavra grega que designa indivíduo de ombros largos e testa ampla;
408 a.C.: Conhece Sócrates e torna-se seu discípulo;
399 a.C.: Processo e condenação de Sócrates. Após a morte do mestre, refugia-se em Mégara onde permanece algum tempo;
399/8 a.C.: Redige as suas primeiras obras que se tornam conhecidas por «diálogos socráticos»;

394 a.C.: Batalha de Corinto em que Platão participou;
 388 a.C.: Primeira viagem à Sicília, com o objectivo de educar o rei Dionísio I;
 387 a.C.: Tendo sido mal sucedida a sua primeira viagem à Sicília, regressa a Atenas. Dedicar-se à educação de jovens e funda a Academia;
 367 a.C.: Morte de Dionísio I e subida ao trono de seu filho Dionísio II. Platão deixa a Academia e volta à Sicília. Regressa neste mesmo ano a Atenas e retoma o seu lugar na Academia. Aristóteles frequenta a Academia de Platão;
 361 a.C.: Vai pela terceira vez em viagem à Sicília e regressa a Atenas;
 353 a.C.: Escreve a Carta VII, que constitui uma fonte importante de dados biográficos.
 348/7 a.C.: Morre aos 80 ou 81 anos, altura em que escrevia As Leis;

[2] Edmund Burke: 1729: Nascimento de Burke em Dublin, filho de Richard Burke (protestante) e de Mary Nagle (católica);
 1744: Ingressa no Colégio Trinity;
 1750: Fixa residência em Londres;
 1757: Casa-se com Jane Nugent. Neste mesmo ano publica a sua obra: A Philosophical Inquiry Into The Origin Of Our Ideas Of The Sublime And Beautiful With Several Other Additions;
 1759: Torna-se assistente do famoso parlamentar William Gerard;
 1761/62: Toma parte no parlamento Irlandês, procurando obter melhores condições para os católicos;
 1765: Torna-se secretário do Segundo Marquês de Rockingham, que estava prestes a formar governo, e de quem foi secretário durante muitos anos;
 1766: É eleito pelos Whig (mais tarde o partido liberal) para o parlamento britânico;
 1774/75: Opõe-se à forma como a política imperialista britânica esta a ser conduzida na América;
 1788: Torna os ingleses conscientes da forma como os indianos são tratados pelo império britânico;
 1790: Publica Reflections on the Revolution in France onde critica a forma como a Revolução Francesa foi conduzida;
 1794: Retira-se do parlamento britânico;
 1797: Morre a 9 de Julho na companhia da sua mulher;

[3] Jorge de Sena. 1919: Nasce em Lisboa;
 1948: Começa a trabalhar na Junta Autónoma das Estradas;
 1958: Fidelidade;
 1959: Viaja para o Brasil, onde conclui o doutoramento em 1964 na área de literatura portuguesa;
 1963: Metamorfoses
 1965: Parte para os Estados Unidos lecionando primeiro em Winsconsin e, a partir de 1970, na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara;
 1968: Arte da Música;
 1977: Recebeu o Prémio Internacional de Poesia Etna-Taormina;
 1978: Faleceu em Santa Bárbara;

[4] «(...) porque é evidente em todos eles (Mausolo, Mitriades Eupator e Artemidoro, entre outros – homens a quem foram prestadas homenagens em forma de obras de arte plástica), a civilizada harmonia do mundo, sem Oriente nem Ocidente, na flutuação barróca e sincrética da vida livremente aceite.» (sic).

BIBLIOGRAFIA

Platão; O Banquete; Lisboa: Edições 70; 1991;
 Platão; Fedro; Lisboa: Edições 70; 1997;
 Platão; Fédon; Lisboa: Lisboa Editora; 1996;
 Burke, Edmund; A Philosophical Inquiry Into The Origin Of The Sublime And Beautiful With Several Other Additions; (s.l.); (s.e.); (s.d);
 Sena, Jorge de; Poesia-II; Lisboa: Moraes Editores; 1978;
 Enciclopédia Visum; Lisboa: Editorial Verbo Lisboa-S.Paulo (s.d.);
 Lopes, Oscar; Os sinais e os Sentidos; (s.l.); (s.e.); (s.d);

© Emanuel Morgado

> O conceito de «Perfeição»: Platão, Edmund Burke e Jorge de Sena 17.Jan.2003
 > URL: http://www.fcsh.unl.pt/deps/estudosalemaes/Pubs/P_Emanuel_Morgado_17_Jan_2003.asp



(c) Secção de Estudos Alemães :: <http://www.fcsh.unl.pt/deps/estudosalemaes/> :: Última Actualização: 05/10/2007
 Condições de utilização :: valid [html](#) & [css](#)